

A PROCURA DE MAIS ALUNOS

ESCOLAS
PRIVADAS
OFERECEM 12
MIL BOLSAS DE
ESTUDO EM
BRASÍLIA

Lisandra Paraguassú
Da equipe do Correio

Oportunidades de uma melhor formação profissional em meio à crise econômica. O brasileiro pode encontrar chances como estágios no exterior ou bolsas de estudo em escolas privadas. Um exemplo disso não vem da Secretaria de Educação mas da Associação Brasileira pela Educação de Qualidade (Abeduq), que está oferecendo cerca de 12 mil bolsas de estudos para alunos do jardim de infância ao ensino médio.

As responsáveis pelas bolsas são 110 escolas particulares do Distrito Federal e Entorno, reunidas pela Abeduq. "Nós queremos dar às famílias o direito de escolher uma escola de qualidade", explica Izalci Lucas Ferreira, presidente da Associação.

As bolsas são, na realidade, vales-educação — ou Cheques-Educação, como o programa foi batizado. Cada uma das famílias escolhidas receberá um talão com 12 cheques, um para cada uma das mensalidades da escola. Os valores mensais variam de acordo com o grau de ensino e a localização da escola.

No Plano Piloto, por exemplo, são R\$ 100 por mês para educação infantil e 1ª a 4ª séries, R\$ 150 para o 2º grau. Em Taguatinga, os valores baixam para R\$ 80 e R\$ 125. Nada impede, no entanto, que a família escolha um colégio — entre os credenciados — que tenha mensalidades mais altas.

"O aluno usa o Cheque para pagar uma parte e completa o resto", explica Ferreira.

O requisito para ser candidato ao Cheque-Educação é ter entre 0 e 18 anos para o ensino normal, e mais de 16 anos para os cursos supletivos. Também não podem ter estudado em 1998 em nenhuma das escolas credenciadas, nem se matriculado em uma delas este ano. "Isso fará com que nossos selecionados venham, na maior parte dos casos, de escolas públicas, porque credenciamos a maioria das particulares do DF", explica Izalci.

Entre as instituições que oferecem bolsas estão algumas das escolas particulares mais requisitadas de Brasília, como o Inei, Viver, Candanguinho, Leonardo da Vinci, Objetivo e Arvense, entre várias outras. "Passou o tempo em que a sociedade esperava o governo resolver os problemas sociais", diz Rogério Mello Franco, presidente do Sindicato das Escolas Particulares (Sinepe) do

DF. "Hoje a sociedade tem que agir e encontrar suas soluções."

BENEFÍCIO

As bolsas oferecidas pelo Abeduq, no entanto, tenderão a privilegiar a parte da classe média que perdeu a condição de manter seus filhos em escola privada e apelou para o ensino público. No sistema de pontuação que avaliará os alunos, ganha mais quem estudou por mais tempo em escola privada. Também serão levados em conta as notas médias do estudante. "Essa é a parte que vai valer mais", garante Ferreira. "Queremos identificar bons alunos e dar a eles a condição de desenvolver todo o seu potencial."

MODELO

A associação segue um exemplo americano e defende o Cheque-Educação como um primeiro passo para que o Brasil passasse a adotar um sistema comum nos Estados Unidos, as chamadas *Charter Schools*. Em vez de serem controladas e administradas pelas secretarias de educação, essas escolas são controladas pela comunidade.

Grupos de pais, professores e alunos, assim como líderes comunitários, administram e tomam as decisões de como a instituição deve funcionar para melhor atender à comunidade.

O controle de qualidade, porém, é feito pelo governo, em cima dos resultados apresentados pelos alunos — evasão, repetência, etc.

Os recursos também vêm do

Estado, que transfere um determinado valor de acordo com cada um dos alunos matriculados. "Cada um dos estudantes do ensino público do DF custa cerca de R\$ 200", conta Ferreira. "Com esse recurso repassado diretamente a uma escola pela família, ela teria direito de escolher uma escola que servisse ao que ela gostaria."

Por enquanto, o Cheque-Educação está restrito ao Distrito Federal, mas as negociações já começaram com as escolas particulares do Pará, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Se isso acontecer, pelo menos um problema será o menor do país: as filas de pais desesperados para conseguir vagas em escolas para seus filhos.

SERVIÇO

Os formulários de inscrição serão distribuídos hoje, sexta e sábado no Gran Circo Lar, ao lado da rodoviária. Não há necessidade de chegar cedo, pois a inscrição não será feita na hora. Os formulários terão que ser preenchidos e enviados pelo correio.

Jorge Cardoso



Mônica Fischer espera ansiosa o resultado sem medo de morar no exterior: "Já fiz intercâmbio e não tive problema"

Programa oferece estágio no exterior

Este ano, 405 brasileiros estarão embarcando para estágios no exterior pelo Iaste (Associação Internacional para o Intercâmbio de Estudantes para Experiência Técnica), programa ligado à Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). O programa une empresas estrangeiras que oferecem vagas para estudantes e universitários com vontade de trabalhar em outros países. As bolsas são, normalmente, por um ano, e não são fáceis de conseguir. No Brasil, o programa funciona há 12 anos e já mandou para o exterior cerca de 4 mil estudantes.

"Em 1998 nós tivemos 120 inscritos apenas no Distrito Federal", conta Jasson Pierre Firme, da Agência Central de Intercâmbios, representante do Iaste em Brasília. As 405 vagas são para o Brasil inteiro. Os candidatos precisam ser universitários

ou terem se formado há até dois anos. Alunos de pós-graduação também podem se candidatar.

Quem falar mais línguas, tiver um currículo bom e mostrar mais independência para morar num país estranho, leva. A seleção para 1999, no entanto, já foi feita. As inscrições estão abertas para os estágios do ano 2000. "A tendência é que o número de vagas seja ainda maior do que este ano", explica Jasson.

Uma outra vaga está sendo oferecida aos brasilienses pela empresa norte-americana de informática ATI, na área de vendas. "Nós temos muitos negócios com o Brasil, e gostaríamos de ter alguém que fale português e conheça o jeito brasileiro de fazer negócios", explica Jean Vergnolle, presidente da empresa.

Monica Fischer, 25 anos, é uma das candidatas a estágio que conversou com Vergnolle. "Eu imagino que um

estágio fora, além de me ajudar a crescer culturalmente, ainda vai me permitir conseguir oportunidades melhores de emprego", diz.

Formada em Administração pela AEUDF, Monica espera ansiosa o resultado. Morar fora não a assusta. "Eu já fiz intercâmbio, morando nos Estados Unidos, e não tive nenhum problema", garante. Sua primeira opção na lista de estágios do Iaste foi uma vaga de administração hoteleira em Gana, na África. "É a área que mais gosto", explica. Mas se não puder ir para a África, qualquer outro lugar agrada a estudante. O que importa é a experiência. (LP)

SERVIÇO

Onde fazer a inscrição:
Central de Intercâmbio, SCLN 407, bloco E, lojas 37/49. Fone: 340.9074
Via Internet: <http://www.ci.com.br>
Taxa de inscrição: R\$ 50,00